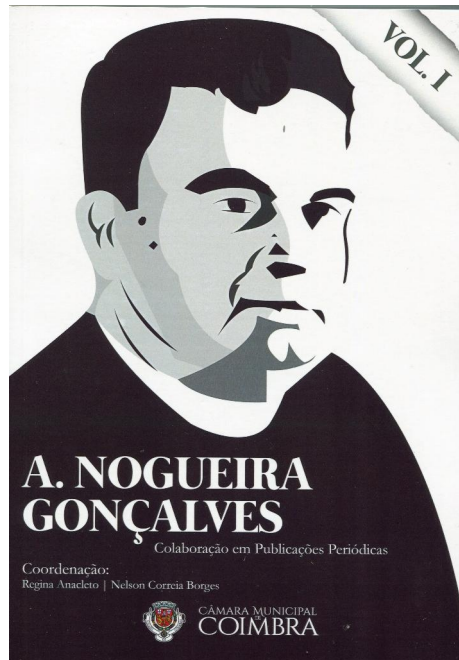


ANTÓNIO NOGUEIRA GONÇALVES

Colaboração em publicações periódicas



COIMBRA
CÂMARA MUNICIPAL
Agosto de 2019

PREFÁCIO

NOGUEIRA GONÇALVES, SACERDOTE, PROFESSOR E CIDADÃO!

Porque se escreve na imprensa regional? ¿Que pode levar um professor universitário a dedicar o seu tempo a escrever notas, mormente de intervenção cultural e cívica, numa folha que poderia considerar-se inútil face ao que hoje se exige para uma revista científica com todas aquelas obrigações de registo em bases internacionais e de censura prévia? Sim, que escrever para um jornal não traz, por exemplo, a obrigatoriedade de elaborar mui meticulosamente um artigo para ser apreciado pelos seus ditos «pares». A mim – desculpe! – faz-me lembrar o tempo da “censura prévia”, em que não nos era dada sequer a possibilidade de errar! Se pensarmos que o erro é também um fenómeno cultural e já os antigos diziam «errando discitur», ‘é a errar que se aprende!’, esse mecanismo agora imposto internacionalmente prefigura, a meu ver, um coarctar da liberdade de expressão.

Perdoar-se-me-á, desde já, o aparente desvio da temática que era presumível eu abordar; mas este parêntesis vem a propósito de também o Padre Nogueira Gonçalves não ter tido pejo algum em, com muita frequência, escrever textos para os jornais, designadamente no *Diário de Coimbra*, mas também no *Correio de Coimbra*, no *Notícias de Penacova* ou n’*A Comarca de Arganil*. Aceitou-o, de certo modo, como uma militância e o leitor disso ajuizará quando ler o livro. Nogueira Gonçalves esclarecia; dava a sua abalizada opinião de mestre; chamava a atenção, em linguagem esbelta e chã, para algo que ao vulgo poderia passar despercebido... Afinal de contas, tem o professor – o que o é por vocação – esse grande privilégio de aprender e de reflectir sobre um acontecimento ou uma paisagem, aos 40, 50 ou 60 anos e, a

seguir, na primeira aula que dá, apresenta aos seus alunos aquilo que aprendeu no dia anterior!...

É, pois, da maior justiça salientar o trabalho enorme que tiveram os Doutores Regina Anacleto e Nelson Correia Borges, seus discípulos, para reunir nestes volumes tantos artigos disseminados por jornais, de que nada consta no currículo do homenageado, porque hoje foi superiormente decretado que não se devem considerar válidos o bastante para figurarem em currículo académico. É pena. Quantos escritores de nomeada não ensaiaram os seus romances em jornais regionais? O romance *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett, não foi primeiro publicado em folhetins na *Revista Universal Lisbonense*, entre 1845 e 1846, e só depois passado a livro? E não é essa sua característica de «linguagem ora clássica ora popular, ora jornalística ora dramática, ressaltando a vivacidade de expressões e imagens pelo tom oralizante do narrador», que nele se reconhece, o resultado dessa experiência primordial? E não foram as *Prosas Bárbaras*, de Eça de Queirós, coligidas em livro, publicado postumamente, depois de terem sido dadas a conhecer na *Gazeta de Portugal*?

Recordo, a propósito, o exemplo que foi também para mim de grande influência, o do meu saudoso Mestre Giancarlo Susini, catedrático de História Antiga na Universidade de Bolonha. Semanalmente, publicava uma crónica no jornal de Bolonha *Il Resto del Carlino*, crónicas que são referidas na sua *Bibliografia sino al 1997*, preparada por Daniela Rigato (Faenza, 1997); e em *Sguardi di Memoria* (Bolonha, 1997) também Valeria Cicala houve por bem incluir o que escrevera para o Istituto Beni Artistici Culturali e Naturali della Regione Emilia-Romagna. Ambas consideraram que esses artigos mostram a grande personalidade cívica deste professor universitário, eminente epigrafista. E este aspeto resulta tão mais valioso para nós, portugueses, quanto *Il Resto del Carlino* publicou, na edição de 24-10-2000, ao lado da notícia da sua morte, a morte de um «apaixonado cronista da História», a crónica que ele escrevera (imagine-se!), intitulada «A Sintra tra i “libri” sculpiti dai nostri avi», sobre o Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas, a cuja inauguração assistira, artigo em que tece rasgados elogios à qualidade dessa instituição museológica.¹

¹ Ver: «O depoimento de Giancarlo Susini sobre o Museu de Odrinhas», *Al-madan*, 10 (dezembro 2001), p. 210. Nota introdutória ao texto, que traduzi do italiano, «Em Sintra, entre os “livros” esculpidos pelos nossos avós» (*ibidem*, p. 210-211).

Portanto, se um docente universitário não se envergonha de escrever numa «folha dominical» ou num semanário aparentemente de poucos leitores não há dúvida que isso é algo de verdadeiramente importante, do ponto de vista didático e cultural! E isso compreenderam bem os coordenadores destes dois volumes.

Em relação ao autor, a quem me prenderam também grandes laços de amizade e de mútuo e ilimitado apreço, gostaria de dar dois testemunhos, à primeira vista insignificantes, mas que me foram importantes para compreender a sua personalidade, o seu espírito de cidadania, o modo como encarava o sacerdócio.

Em primeiro lugar, a enorme disponibilidade que sempre demonstrou para comigo, como aliás com todos, há que convir. Prestara-se atenção de repente (digamos assim) à legenda patente no livro que a imagem de S. Paulo, guardada no Museu da diocese de Leiria, ostentava. Não a logrei decifrar e o padre Nogueira Gonçalves prontamente aceitou a dar-me a sua opinião.² Algum tempo depois, novamente dele me socorri para a decifração de uma epígrafe deveras curiosa, hoje já bem conhecida porque a publiquei por várias vezes³, inserida no lintel de uma porta em Castelo Branco:

DEUS.ENMIÑAGUDA :
: ENTENDA :

E o Padre Nogueira Gonçalves imediatamente compreendeu que se tratava de uma versão do que na igreja se rezava sem compreender, porque estava em latim. Uma versão verdadeiramente popular, vestígio da linguagem oral que assim transformara a jaculatória *Deus in adiutorium meum intende*, «Ó Deus, vem em meu auxílio!», primeiro versículo do Salmo 69.

No entanto, a imagem maior do Padre Nogueira Gonçalves que me tem acompanhado (esse dia jamais esquecerei!) foi o gesto de me haver chamado à sua residência, já completara 90 anos, e me ter dito, perante a minha grande estupefacção:

– Aqui tem as separatas e os livros que me foi oferecendo ao longo da vida. Quando eu morrer, caso ficassem no meu

² Sobre a imagem ver: «No Seminário de Leiria – Um São Paulo de singular legenda», *Diário de Leiria*, 28-07-1989, p. 7.

³ «Singular letreiro em lintel de porta de Castelo Branco», *Materiaes*, III série, n.º 1, 2016, p. 105-114. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/32760>

espólio, não teriam decerto o destino que o professor poderá ainda dar-lhes.

Fiquei sem palavras, até porque, além dos livros, acabou por me obsequiar, atendendo a que eu sou epigrafista, com a *Sylloge Inscriptionum Romanarum in Catalaunia*, de D. José Finestres e de Montalvo, uma edição, hoje raríssima, de 1762, que mui religiosamente guardo. Calou-me fundo esta atitude, na medida em que se sente bem, por detrás dela, a alma de uma grande Pessoa, que compreende bem o que é o sentido da vida. Foi para mim um exemplo e, hoje, eu próprio vou fazendo isso mesmo em relação aos livros e separatas que tenho a mais ou das quais já não me vou servir e que poderão servir melhor aos seus autores.

Perdoar-se-me-á (repito) ter-me alongado nestas considerações quando era de esperar que, como prefaciador que se preza, eu expressamente encarecesse a iniciativa e mostrasse a sua elevada importância. Não creio, porém, que a tal regra não tenha obedecido, com os testemunhos que dei. Falta agora apenas despertar o interesse pela leitura das páginas que vão seguir-se.

Termina a antologia com uma narrativa de encantar, não só pelo tema tratado, mas sobretudo pela beleza da linguagem assaz burilada:

«Iam já as monjas a entoar o responsório. Em passo rápido, veio do fundo dos cadeirais soror Angélica. Tremia, enleada, corava-lhe o rosto murcho há muito. Pediu ao bispo que lhe permitisse revelar um segredo antes que o ofício continuasse, um segredo cuja guarda terminara com o último suspiro de D. Mór.»

Um parágrafo retirado às cegas e que vem mesmo a propósito, como testemunho da arte de bem escrever.

É erro começar pelo fim. Neste caso, todavia, esse nº 404, capicua, de mui estranho título «A freira das mãos cortadas», que fechava o rol de textos que me foi enviado, seduziu-me logo e ousei saboreá-lo de afogadilho, de tão sugestivo que me pareceu. E não me enganei. Como exímio e prazeroso burilador de desenhos à vista desarmada, quando a fotografia se tornava menos elucidativa ou se tornava difícil de fazer, Nogueira Gonçalves revelava-se também, aqui, como mestre na arte de burilar as palavras. A História da Arte foi a área que escolheu para melhor cumprir a sua missão de transmitir – como Sacerdote, Homem e Cidadão – a beleza do Universo, obra do Criador, e a sábia compreensão da beleza das obras que o Homem também soube criar.

– Sabe, já fui várias vezes a essa igreja, a diferentes horas do dia. Finalmente, compreendi qual era a melhor hora, com

melhor luz solar, para eficazmente se realçar o que eu quero – confidenciou-me, um dia, com estas ou palavras semelhantes, a propósito de um monumento cuja fotografia queria incluir no seu *Inventário Artístico do Distrito de Aveiro*.

Igualmente o fascinavam as epígrafes, pelo mistério que sempre delas se desprende, na magia de uma mensagem que se quis perpetuar. E os templos – ai as capelas, o convento de Vila Pouca, as sés de Coimbra (a Velha e Nova)!... E a poesia, que lhe permite, como em «Obed, por Campos de Figueiredo», dar, ele próprio, asas à sua inspiração, com quem dedilha a harpa e entoa salmos de David:

«Não é história reescrita em verso, é um canto novo sobre melodia mais velha que o livro, o canto de amor e de esperança, de perpetuidade, que de geração a geração se ampliará até ao herói».

Ler Nogueira Gonçalves, aqui, com índices onomástico e topográfico a ajudar, é aventurar-se por veredas que poucos calcorrearam e a que ele empresta, por isso, encanto superior!

Cascais, 22 de Outubro de 2018.

José d'Encarnaçã